Ingressando no Instituto do Ceará

José Murilo de Carvalho Martins (*)

"Roma, a velha urbe, multiplicou triunfos, alimentada com o leite da loba, a trescalar certa melancolia, que outros povos ignoraram, nem os áugures lhe asseguraram".

Com estas eruditas palavras, o saudoso Cônego Dr. Misael Gomes da Silva, na noite de 6 de janeiro de 1943, no salão Nobre do Palácio do Comércio, recepcionava quatro sócios recém-eleitos do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico). Eram eles:

"O Benjamim ou o mais jovem: Antônio Martins Filho", bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Piauí, fundador e proprietário de uma revista de ciências, letras e informações intitulada Valor.

Joaquim Alves – a "flor peregrina de um jardim" – escritor, professor e jornalista, que, como Machado de Assis, fora tipógrafo antes de homem de letras.

Luiz Cavalçante Sucupira, jornalista e representante cearense na Assembléia Nacional Constituinte de 1933.

e Demócrito Rocha, jornalista baiano, radicado no Ceará, fundador do jornal "O Povo". Era o autor do poema:

"O rio Jaguaribe é uma artéria aberta
Por onde se escorre
e se perde o sangue do Ceará.
O mar não se tinge de vermelho
porque o sangue do Ceará
é azul..."

Foi nessa sessão solene, quando ainda muito jovem, que tomei conhecimento do prestígio que o Instituto do Ceará gozava perante a sociedade cearense. O impacto foi tão grande que ainda

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

ressoam dentro de mim as palavras fluentes do douto Cônego dando as boas-vindas e ofertando fraternal amizade aos novos sócios.

Nos anos subseqüentes passei, com certa freqüência, a visitar o Instituto e admirar o trabalho contínuo desenvolvido pelas personagens ilustres que freqüentavam diariamente a velha sede da Praça dos Leões. Dentre elas, gostaria de destacar as figuras de Dolor Barreira, homem de letras, eminente jurista e professor de nossa Salamanca; Raimundo Girão, historiador cearense, doutor em Direito e autor de inúmeros livros e trabalhos de pesquisa; Thomás Pompeu Sobrinho, o Mestre de todos, que passava inúmeras horas manuseando obras clássicas e lendo volumosos trabalhos e, da Secretária e posterior membro do Instituto, a Bibliotecária Maria da Conceição Sousa. De todos eles recebia um cumprimento que variava de um sóbrio aceno de cabeça do Presidente a um abraço carinhoso e amigo da Conceição. Aos poucos cresceu, dentro de mim, o desejo de um dia pertencer àquela memorável Casa. Neste momento solene de minha vida desejo agradecer a todos aqueles que indicaram o meu nome para suceder o Professor Fran Martins no Instituto do Ceará, transformando em realidade o sonho de minha juventude.

Nas últimas décadas do século passado, o Ceará atravessou um período de intensa atividade intelectual traduzida pela fundação de inúmeros jornais e revistas e pela instalação da Academia Francesa, do Clube Literário, da Padaria Espiritual, do Centro Literário, do Instituto do Ceará e da Academia Cearense posteriormente denominada Academia Cearense de Letras. Com exceção das duas últimas entidades – hoje centenárias – todas as demais tiveram existência efêmera.

O Instituto do Ceará foi fundado no dia 4 de março de 1887, com o pensamento de cultivar e tornar mais conhecida a história, a geografia e a antropologia particularmente do Ceará. Contava com doze sócios pertencentes à elite intelectual cearense, liderados pelo Desembargador Paulino Nogueira, o qual por muitos anos dirigiu, como Presidente, a nova Instituição.

No decurso de 110 anos de existência, treze esculápios mesclaram seus ideais com os do Instituto do Ceará. Isso me faz crer ser a Medicina uma carreira gratificante, pois permite ao médico,

no desempenho de sua profissão, agir no campo político-social, adquirir sólida cultura humanística ou dedicar substancial parcela do seu tempo às atividades de pesquisa. Na qualidade de discípulo de Hipócrates, gostaria de nesse momento tecer algumas considerações sobre trabalho desenvolvido por meus colegas neste Sodalício.

Guilherme Studart foi um dos sócios-fundadores do Instituto do Ceará. Nasceu em Fortaleza e graduou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1877. Dotado de invulgar capacidade de pesquisa histórica, particularmente de sua terra, seu nome atingiu fama nacional e internacional, graças à volumosa obra onde se destaca o *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense.* Foi tão identificado à causa deste sodalício que, com freqüência, o Instituto do Ceará tem sido cognominado "A Casa do Barão".

Além dos estudos históricos e genealógicos, o Barão de Studart deu uma significativa contribuição à Medicina de sua terra publicando trabalhos e colaborando com a fundação do Centro Médico Cearense, do qual foi sócio-fundador e seu primeiro Presidente. Analisando a lista de suas 139 publicações apresentadas por Euzébio de Souza, verificamos que 19 versaram sobre temas médicos, na forma de estudos de pesquisa, discursos, conferências e notas de jornais.

Guilherme Studart viveu um período em que grandes calamidades assolavam nosso Estado. Recém-formado, em pleno período de seca, cuidou em Maranguape de casos de varíola, enfermidade que dizimava a população cearense desde 1804. Escreveu artigos sobre a febre amarela, a tuberculose, as epidemias e as endemias, o obituário infantil, a climatologia e o alcoolismo. Chamou atenção para um foco de morféia em Fortaleza logo no seu início, o qual posteriormente se difundiu no Estado. Assim, registrando ocorrências de doenças graves no Ceará, o Barão de Studart utilizava-se de métodos epidemiológicos, que pela sua eficácia, ainda hoje são usados na Medicina Moderna, para prevenção das doenças.

Pertenceram também ao Instituto do Ceará os seguintes médicos: José Sombra, Álvaro Otacilio Nogueira Fernandes, José Lino da Justa, Carlos Studart Filho, Manoel do Nascimento Fernandes Távora e Carlos Feijó da Costa Ribeiro.

Tomei conhecimento da vida e da obra desses sete médicos, que tanto engrandeceram os destinos desta Instituição, compulsando um pouco da vasta literatura existente sobre eles. Entretando, tive a ventura de privar da amizade dos seis últimos facultativos que ingressaram como sócios efetivos do Instituto do Ceará, cuja ação na área médica e cultural merece ser destacada.

A fundação da Faculdade de Medicina do Ceará em 1948 foi, sem sombra de dúvida, uma espécie de divisor de águas, no desenvolvimento da arte de Hipócrates entre nós. Trinta e cinco médicos, liderados pelo Prof. Jurandir Picanço, tomaram a firme decisão de dotar o Estado de uma escola médica. No processo de recrutamento do corpo docente, a grande dificuldade recaiu na escolha dos professores das cadeiras básicas. Estas, além das dificuldades inerentes à matéria, seriam as primeiras disciplinas a serem lecionadas no correr do primeiro ano da nova Faculdade.

Coube ao Prof. Josa Magalhães a árdua tarefa de ministrar a Cadeira de Histologia e Embriologia Humanas e ao Prof. João Batista Saraiva Leão, a Cadeira de Anatomia Humana, Descritiva e Topográfica. Não fosse o espírito idealista desses dois Oftalmo-otorrinolaringologistas, abandonando suas clínicas para lecionar temas básicos tão difíceis, talvez o início da Faculdade de Medicina do Ceará fosse retardado por alguns anos. O mérito desses dois colegas deve ser enaltecido por todos.

Tenho um profundo respeito e grande admiração pelo trabalho desenvolvido pelos meus colegas Florival Seraine, Osvaldo Riedel e José Borges Sales. Meus freqüentes contactos com eles na Universidade Federal do Ceará, na Academia Cearense de Letras e na Academia Cearense de Medicina permitiram melhor conhecer a cultura científica e humanística de que são dotados.

"The last but not the least": Vinícius Antônius Barros Leal. Graduado pela Faculdade de Medicina de Pernambuco exerceu, com brilhantismo, sua profissão médica no Ceará. Dedicou-se à área de Pediatria, tendo sido Professor da UFC. Foi Vereador da cidade de Fortaleza, Presidente do Centro Médico Cearense e exerceu inúmeras chefias nos cargos que ocupou. Possuidor de vasta cultura médica e humanística, foi eleito membro da Academia Cearense de Medicina, da Academia Cearense de Letras e do Ins-

tituto do Ceará. De suas qualidades pessoais devo ressaltar ser portador de um grande coração. Justificam-se assim as palavras elogiosas e amigas com que me recepcionou nesta Casa, convidando-me para participar do grupo de médicos que tem contribuído com os objetivos do Instituto do Ceará.

No início de minha carreira profissional, decidi-me dedicar a um campo relativamente novo da Medicina Interna: a Hematologia. Enfrentando os desafios das sérias doenças hematológicas, cedo verifiquei ser o sangue um campo fértil para desenvolvimento da pesquisa científica.

As investigações realizadas em inúmeros centros espalhados pelo mundo trouxeram aos hematólogos informações úteis para o melhor conhecimento da fisiologia e da patologia dos elementos sanguíneos. Verificou-se também que, com freqüência, a Hematologia podia interagir com outras áreas do conhecimento humano notadamente com a História, a Geografia e a Antropologia.

O hematologista Jean Bernard, professor da Universidade de Paris e membro da Academia Francesa, no livro *Le Sang et l'Histoire* declara que o estudo do sangue traz aos historiadores modernos preciosas informações capazes de esclarecer os problemas da História. Os caracteres do sangue (grupos sanguíneos, enzimas e hemoglobinas) são transmitidos de geração em geração através dos séculos, constituindo assim um método preciso para o estudo da migração das sociedades através dos tempos. Conclui o cientista francês ser "o sangue, ao mesmo tempo, uma testemunha e o piloto da história".

Em 1955, Levine, Layrisse e outros pesquisadores venezuelanos descobriram a existência de um novo grupo sanguíneo, denominado Diego, em uma população indígena vivendo há longos anos na zona do Caribe. Julgaram inicialmente ser o antígeno Diego limitado àquela tribo de índios. Estudos posteriores verificaram que o novo antígeno estava também presente em outras populações da América do Sul, nos índios da América do Norte, no Canadá, na China Meridional e Oriental, na Mongólia e na porção Oriental da Sibéria. Ele não foi, entretanto, detectado em caucasóides e negróides, na Europa e na África. Assim, os historiadores puderam, com o auxílio das técnicas hematológicas, confirmar a

hipótese de que, há milênios, ondas migratórias de asiáticos atravessaram o estreito de Behring e povoaram o continente Americano. Preocupado com o problema procedeu-se no Hemoce uma pesquisa em sangue de doadores cearenses, a qual revelou uma positividade para o antígeno Diego de 2,9 %. Esse importante achado foi significativamente inferior aos encontrados nas reservas de índios Xavantes e Carajás, onde existe maior consangüinidade.

Tão importante quanto os grupos sanguíneos são as alterações da hemoglobina, o pigmento que dá a cor vermelha ao sangue, cuja função vital é transportar o oxigênio. Existe uma variação da hemoglobina de acordo com as áreas geográficas. Assim, pode ser citada a observação corrente de que os moradores das montanhas possuem mais sangue e, portanto, mais hemoglobina, que os residentes ao nível do mar. O ar rarefeito das altitudes obriga o seus habitantes a produzirem maior quantidade de sangue para poderem sobreviver. Esse conhecimento da Hematologia Geográfica é amplamente utilizado pelos viajantes internacionais e pelos organizadores das competições esportivas.

São, também, importantes os estudos das alterações das hemoglobinas transmitidas por hereditariedade através das gerações. As principais alterações são: a chamada hemoglobina A–S, de alta incidência na África Central e a hemoglobina A–C, que compromete cerca de 40% da população de Ghana. O tráfego de escravos trouxe para o Brasil, no século passado, uma grande quantidade de negros e, com eles, seus marcadores sanguíneos.

A prevalência no Brasil de pessoas portadores de hemoglobinas anormais se faz de maneira heterogênea na dependência do número de antepassados negros chegados à região. Pesquisas realizadas nos Hemocentros de Fortaleza, Sobral, Crato e Iguatu, em 4900 residentes do Estado do Ceará, revelaram a presença de hemoglobina anômala, proveniente portanto da África, em 2,37% dos casos estudados, sendo 2% para hemoglobina A–S e 0,37% para A–C. Essas cifras são semelhantes àquelas encontradas no Sudeste da Nação. Estudos mais recentes de Biologia Molecular, efetuados em Ribeirão Preto, puderam determinar o local da África de onde os negros foram deportados para o Brasil: Benin e Banto e, em menor proporção, o Senegal.

A grande miscigenação observada no Brasil acarreta grandes dificuldades na classificação racial através dos caracteres físicos. Detectou-se no correr das pesquisas do Hemoce uma paciente branca, tipicamente caucasóide, com hemoglobina anômala A–S. Assim, o emprego de técnicas hematológicas no estudo da migração das populações pode oferecer dados mais confiáveis que a simples análise dos caracteres raciais.

O professor Jean Bernard, impressionado com a grande aplicabilidade da Hematologia aos estudos de História, Geografia e Antropologia, levantou o questionamento: "Por que o sangue? Por que não o fígado, o coração, a glândula tireóide ou o pulmão?

Vários motivos fazem do sangue um órgão privilegiado, entre outros, a influência que sofre dos fatores externos, a existência no seu interior de substâncias capazes de serem analisadas com precisão através de métodos bioquímicos e a facilidade com que se pode retirar uma pequena amostra para as pesquisas laboratoriais. Existem caracteres sanguíneos que são permanentes, nascem com o indivíduo e o acompanham por toda vida, podendo em algumas ocasiões serem detectadas séculos após a morte. É o caso da múmia de um tecelão egípcio que viveu na época de Ramsés II e faleceu de esquistossomose. Estudos do sangue mostraram que as hemácias da múmia apresentavam a mesma forma bicôncova observada atualmente e tinha o grupo sanguíneo B.

Assim os estudiosos da História, da Geografia e da Antropologia do Ceará possuem um forte aliado no desenvolvimento de suas pesquisas. Eles podem contar com uma rede de Hemocentros e unidades transfusionais bem estruturada e difundida no Estado do Ceará que pode servir de suporte para eventuais projetos de pesquisa.

Ao dirigir o rumo de minhas palavras ao meu antecessor no Instituto do Ceará, vejo-me novamente envolvido com o sangue e a Medicina, uma vez que meu tio Fran Martins, muito jovem, iniciou seus estudos superiores na Faculdade de Medicina do Recife. Infelizmente, por motivos alheios à sua vontade, abandonou a área da saúde para ingressar no campo do Direito. Todavia, permaneceu latente no autor de A Rua e o Mundo aquele amor pela Ciência de Hipócrates, a julgar pelo estranho brilho que surgia no

seu olhar quando conversava comigo assuntos médicos. Tinha-se a sensação de continuar acesa dentro dele a chama do ideal de sua infância.

Estudos realizados sobre a obra literária de Fran Martins indicam que muitos episódios escritos sobre as crianças de rua são cenas vividas pelo próprio autor. Em *Mar Oceano*, encontrei o seguinte trecho, no início da amizade do narrador com Albertino:

"Se os outros meninos não apareciam, sòzinhos nós dois sabíamos nos entreter, deitados na areia do rio ou trepados nos galhos das árvores. Nesses momentos fazíamos projeto para o futuro. Eu queria ser médico, estudar em grandes cidades, formar-me e voltar para ali, tratar dos pobres com devotamento. Tivera um tio médico, morto há pouco tempo, que sempre fôra o meu ídolo – bonachão, alegre, curando feridas dos pobres sem nojo, sem cobrar nada. Eu achava aquilo formidável e dizia a meu pai que um dia havia de formar-me também".

A espontaneidade desta página parece-me ser uma exteriorização do antigo sonho do autor de um dia ser médico.

Meu convívio com Fran Martins foi grande e se estendeu de minha infância à sua morte. Além da amizade e da admiração surgida no decorrer dos anos, tinha um imensurável orgulho por ele pela sua brilhante atuação como homem de letras, professor universitário e jurista de renome nacional e internacional. Para minha satisfação pessoal, ele foi o primeiro crítico literário da minha obra *História do Brasil*, escrita em quadrinhos, na minha meninice. Na minha vida de profissional da saúde, não me faltou estímulo da parte dele para escrever contos sobre temas do cotidiano médico.

Fran Martins nasceu na cidade de Iguatu, filho de Antônio Martins de Jesus e Antonia Leite Martins. Se não tivesse sido acometido de grave doença, teria completado no dia 13 do corrente a idade de 84 anos.

Estreou Fran Martins no mundo das letras em 1934 com o livro de contos *Manipueira*. O sucesso obtido com o lançamento desse livro marcou o início de sua carreira ascendente como notável ficcionista. Tinha, então, 21 anos de idade. Em rápida sucessão, publicou, no período de 22 anos, os seguintes livros: *Ponta*

de Rua (1937) que recebeu Menção Honrosa da Academia Brasileira de Letras, *Poço dos Paus* (1940), *Mundo Perdido* (1940), *Estrela do Pastor* (1942), *Noite Feliz* (1946), *Mar Oceano* (1948), *O Cruzeiro Tem Cinco Estrelas* (1959), *Amigo de Infância* (1969), *A Rua e o Mundo* (1962) e *Dois de Ouro* (1966). Analisando suas obras literárias o poeta Francisco Carvalho assim se expressou: "Fran Martins faz parte dessa luzente galeria de escritores que, pela garra e pelo talento, construíram as matrizes do chamado romance nordestino, em torno do qual gravitam personalidades do porte de José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e vários outros da mesma grandeza".

Ainda no mundo das letras, Fran Martins foi jornalista e crítico literário, tendo colaborado com jornais e revistas do Brasil e do exterior. Foi diretor durante anos do jornal matutino *O Estado*. Dotado de iniciativa e espírito associativo, foi fundador e primeiro Presidente da Associação Brasileira de Escritores-Seção do Ceará, foi Presidente da Associação Cearense de Escritores e da Associação Cearense de Imprensa. Pertenceu ao grupo literário Clã, do qual foi uma figura atuante e diretor da revista do mesmo nome. Foi membro do Instituto do Ceará e ocupou a cadeira número 5 da Academia Cearense de Letras.

Paralelo à sua atividade no mundo das letras, Fran Martins teve grande desempenho na área do Direito. Graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará, atingindo, em 1957, por concurso, o cargo de Professor Catedrático de Direito Comercial.

Fran Martins consagrou-se como autor de inúmeras obras jurídicas, destacando-se, entre outras: *Curso de Direito Comercial, Sociedade por Cotas no Direito Estrangeiro e Brasileiro, Títulos e Créditos, Cartões de Crédito* e *Comentários à Lei das S.A.* Publicadas pela Editora Forense e contando com várias edições e tiragens, os trabalhos jurídicos de Fran Martins atingiram repercussão nacional sendo de leitura obrigatória dos estudiosos de Direito de todo o Brasil.

Após longos anos longe da literatura, Fran Martins teve, em 1989, aquilo que os médicos chamariam "uma recaída"publicando o livro de contos *A Análise*. Apresentando a obra, a escritora

cearense Rachel de Queiroz diz que o autor "regressa melhor do que nunca, enxuto, maduro, definitivo. Fugindo à sedução do regionalismo e do pitoresco, ele agora se aprofunda numa área específica: o território misterioso do coração humano". *A Análise* foi, em resumo, o canto do cisne, de um amante da literatura, encerrando sua carreira brilhante no mundo das letras.

Existe um aforisma em Medicina: "Um médico nunca deve tratar os seus familiares". As emoções que advêm com o surgimento das doenças podem embotar a mente dos médicos com séria repercussão no cuidado dos enfermos. Tive idêntica sensação ao fazer o elogio do meu antecessor e tio Fran Martins. A dificuldade de encontrar palavras para exprimir o valor do cearense ilustre recentemente desaparecido só pode ser explicada pela dor de sua ausência, da lacuna surgida no seio da família, daquilo que só pode ser expresso resumidamente com a palavra: SAUDADE.

Ao concluir minhas palavras, desejo registrar a acolhida carinhosa que tenho recebido de todos os sócios desta memorável Casa, eficientemente presidida pelo Coronel Paulo Ayrton Araújo. Minha gratidão ao meu amigo Marcelo Linhares por indicar o meu nome para substituir o escritor Fran Martins e ao General Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira, em cujo mandato fui eleito sócio-efetivo do Instituto do Ceará.

Escritora Lúcia Fernandes Martins, filhos, netos e bisnetos do grande romancista cearense: repito as palavras de Fran Martins ao tomar posse no Instituto do Ceará na vaga deixada por Leonardo Mota "...na verdade não sou seu substituto pois os grandes espíritos não podem ser substituídos – quis render-lhe o preito de minha admiração..."

Na busca da concretização dos meus sonhos contei com o auxílio de inúmeros amigos, colegas e auxiliares, particularmente da Faculdade de Medicina, do Hemoce e da Reitoria da UFC, liderados pelo meu amigo Reitor Roberto Cláudio da Frota Bezerra. A todos o meu reconhecimento e a certeza de que nada teria sido construído se não fosse a grande amizade reinante entre nós.

Somente o coração pode expressar com fidelidade a grande alegria que sinto ao ver nesta festa meus familiares e meus amigos que me vieram prestigiar com suas presenças.

Camões, em célebre soneto, cantou que o amor é:
"Um não sei o quê, que nasce não sei onde".

Esse amor encontrei na minha esposa Maria Inez, companheira de minha vida, que comunga comigo dos mesmos ideais. A chama desse amor se expandiu para meus filhos José Marcos, Maria Cristina, Antônio Martins, Ana Teresa, José Murilo e Inez Beatriz e para meus netos.

Exemplos de vida devem ser seguidos quando se deseja trilhar o caminho do Bem. Esse exemplo engrandece quando a pessoa que se segue é Antônio Martins Filho, meu pai. Seu idealismo e espírito de luta frente à adversidade são qualidades que continuamente procuro seguir.

A eclosão de uma doença no seio de uma família, traz consigo a dor, a incerteza e a angústia. Tão importante quanto o tratamento científico é a terapêutica do amor, do carinho e da compreensão, pelos doentes e seus familiares. Esses sentimentos tão nobres foram cultivados dentro de mim pela minha querida mãe, cujo desaparecimento recente deixou de luto meu coração.

(Discurso proferido na sessão solene de 26-06-97)